

Revista da

FACED

Universidade Federal da Bahia



8

ISSN 1516-2907

Berçários de Cinismo: Mídia e identidade na contemporaneidade¹

RESUMO: Este artigo analisa os limites e desafios da sociedade contemporânea em face do avanço das tecnologias da imagem e do poder das mídias, buscando situar o sujeito diante do poder do discurso midiático, da cultura do efêmero e da cegueira da ética.

PALAVRAS-CHAVE: mídia, imagem e contemporaneidade.

Jamile Borges da Silva

Profª da UFBA, Antropóloga, M.Sc.
em Educação e Doutoranda/UFBA.
[jam_ufba@hotmail.com]

(1) Este artigo foi produzido a partir da Palestra realizada no IIº Simpósio Baiano de Psicologia na Fundação Para o Desenvolvimento das Ciências/Bahia, em 06 de setembro de 2003.

*Sabemos que nada é eterno.
Tudo se quebra, tudo passa,
tudo cansa.
Michel Maffesoli*

*O presente é o instante
em que a roda do automóvel
em alta velocidade
toca minimamente o chão.
Clarice Lispector*

Vivemos na contemporaneidade uma mestiçagem cultural e de linguagens, midiáticas, sonoras, imagéticas, corporais. Uma trama plural que se revela em toda sua complexidade com múltiplos nós a serem problematizados, virtualizados, atualizados. Um tempo que nos convoca a sair dos gabinetes e dos encastelamentos *paradigmáticos* e refletir sobre a necessidade do diálogo, da conversação, da polifonia, da complexidade, do evento e do acontecimento.

Considero que a palavra que melhor define o tempo em que vivemos é caos. Somos constantemente confrontados e convidados ao contato com ambientes caóticos. A cena contemporânea é de crise. Lidar com o contemporâneo é lidar com um tempo de cegueira, como nos ensina Saramago. Uma cegueira *talvez* decorrente das luzes da racionalidade moderna.

Nas palavras do próprio Saramago, encontramos-nos no caos

o caos autêntico deve ser isto. Haverá um governo, disse o primeiro cego, Não creio, mas, no caso de o haver, será um governo de cegos a quererem governar cegos, isto é, o nada a pretender organizar o nada. Então não há futuro, disse o velho da venda preta, Não sei se haverá futuro, do que agora se trata é de saber como poderemos viver neste presente, Sem futuro, o presente não serve para nada, é como se não existisse, Pode ser que a humanidade venha a conseguir viver sem olhos, mas então deixará de ser humanidade, o resultado está à vista, qual de nós se considerará ainda tão humano quanto antes cria.. (...) Regressamos à horda primitiva (...) com a diferença de que não somos uns quantos milhares de homens e mulheres numa natureza imensa, intacta, mas milhares de milhões num mundo descarnado e exaurido". .

E esse mundo descamado não tem nada a ver com certezas ou com qualquer tipo de estabilidade. Trata-se, contraditoriamente, de uma espécie de desmanche, clivagem, fragmentação. O sujeito se desmancha e se refaz a todo momento, assim como as imagens. Desfaz-se a ordem da Modernidade, para instaurar a 'desordem' de um tempo em que o que se vê são as tentativas de *bricolage* e costuras.

A gramática que se produziu para dar conta destes novos tempos é também confusa e sombria, nos remetendo a desmanches culturais, fraturas sociais, desconstrução do sujeito, aniquilamento do indivíduo, saturação dos grandes ideais, fim das utopias e da história, horror econômico e terrorismo político.

A explosão de informações, o fluxo da hiper-realidade em tudo, dos *megabytes* à propaganda de TV, a saturação das mídias no fim do século XX, com acesso a domínios privados da consciência humana, criaram, segundo Steinberg , S. e Kincheloe, J. (2001), uma vertigem social, diminuindo nossa capacidade tanto para encontrar soluções quanto para engendrar paixão por compromisso ético e político.

A linguagem destes novos tempos requer prudência, os signos desta nova era não são fixos, antes, porque vivemos em uma fase de incertezas, novas categorias emergem como: transversalidade, transglóssico, transnacionais, trans-identidades. A linguagem dos novos tempos transita, relaciona, não é fixa, conforme nos advertem vários autores, Baudrillard, Bauman, Lyotard.

Anunciamos um século que começava com um gosto amargo de desconstrução, de insegurança e de múltiplas formas de violência: física, ética, simbólica, cultural e política. A despeito disto, prenunciamos (com esperanças de que se concretizasse) um sujeito livre das amarras da modernidade com acesso às aspirações mágicas de um futuro regido pelo império da técnica e da acessibilidade. O sujeito seria livre para transitar entre fios e cabos óticos, na fronteira entre o humano e suas extensões cognitivas.

Ao mesmo tempo, fomos advertidos por Haraway que a *questão não é mais agora quem é o sujeito, mas quem precisa do sujeito?* Para a autora, a subjetividade humana é, hoje, mais do que nunca uma construção em ruínas. Ela nos advertia também que, ironicamente, são os processos que estão transformando de forma radical o corpo humano – clones, ciborgues, próteses, implantes etc.- que nos obrigam a pensar: *quem somos? E, é no confronto com esses híbridos tecnoculturais que nossa subjetividade se vê questionada.*

A psicanálise de Freud e Lacan, no século XX, atacou a soberania do Sujeito ao afirmar que ele não é quem pensa que é. Vivemos numa época em que noções como identidade, subjetividade, gênero, cultura são compostos de uma variedade de fragmentos e não mais de inteiros epistemológicos ou verdades absolutas. Parafraseando Bauman (2004), a contemporaneidade se esvai por nossos dedos, líquida, volátil, fluida.

A psicanalista e semióloga Julia Kristeva indaga se não estaria acontecendo hoje uma redução da vida interior ao sabor dos fluxos midiáticos? Segundo Kristeva, estamos imersos num mutismo psíquico e saturação de imagens que já não sabemos ou não conseguimos representar a nós mesmos.

Ao passo que a velocidade dos acontecimentos e a sucessão de signos midiáticos nos induzem paradoxalmente a crer em modelos standardizados de sujeito, por outro lado, estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se hoje uma necessidade. Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, vira agora uma tarefa cansativa. (Bauman, Z. 2004)

Para o psicanalista Jorge Forbes, (2004:76) o mundo virou um porre e está todo mundo de porre. Há um gozo deslavado, debochado, escancarado que está nos levando a conseqüências preocupantes. A toxicomania, a histeria, o fracasso escolar e os “conseqüentes” suicídios de jovens, os mesmos que matam pais e mães são, segundo ele, reações da globalização, do curto-circuito

das palavras. O mundo perdeu os padrões que nos orientavam e agora não sabemos mais o que fazer nele e com ele.

Historiadores, psicólogos, sociólogos, antropólogos, cada um a seu modo e com seu aparato epistemológico, têm se voltado para esse sujeito: o homem imerso nesse oceano sígnico e pre-nhe de imagens, a incitação permanente ao hedonismo, ao gozo e à não interdição.; um mundo em que não se vivencia a falta.

Será que essa nova sintaxe, esses signos e processos midiáticos usados cada vez com menos vocábulos podem nos levar a uma infantilização da cultura?

O filósofo francês Paul Virilio diz que na era tecnológica, o homem teria perdido a capacidade de ler, instalando-se uma espécie de "dislexia" na cultura, visto que estaria ocorrendo um desinvestimento na capacidade e na habilidade de leitura numa sociedade quase totalmente visual. Esse desinvestimento reveste-se agora da afirmação de novas habilidades para sobreviver em meio ao fugidio e ao fugaz. Agora, em todos os campos, o tornar-se "*a moda do mundo*" está na ordem do dia e as leis da imitação, propostas, extemporaneamente por Gabriel Tarde, parecem ser a regra atualmente. Em síntese, não é mais a autonomia que prevalece, o *eu sou* a minha própria lei, mas a minha lei é a do outro. (Maffesoli, M. 2000)

Nesse mundo, a subjetividade contemporânea se produz num ambiente em que os discursos e os signos publicitários articulam o público e o privado de tal modo que a dimensão mais íntima de nosso cotidiano parece estar permanentemente exposto às radiografias televisivas e às campanhas publicitárias. A morada do sujeito contemporâneo não possui mais divisórias, aliás, bem ao estilo do que se vende na televisão, habitamos numa espécie de *loft* onde não é possível separar o espaço de estar do espaço de evacuar.

Nas últimas décadas, a torrente das mídias está onde a aceleração é mais inconfundível. As imagens se espessam continuamente, a paisagem sonora fica mais barulhenta, a montagem mais frenética. A questão é nos sacudir, chacoalhar e rolar, manter-nos sem fôlego, deliciar-nos, caçar-nos e mergulhar-nos numa ávida suspensão da descrença. (Gitlin, 2004:p.123)

Para Gilles Lipovetsky, com o hedonismo, as sociedades contemporâneas entraram numa civilização em que a moral heróica

ou sacrificial não tem mais legitimidade. Não se quer mais expor a vida por uma causa, ideológica, política ou religiosa. A vida tem mais valor do que as causas. O sonho do paraíso futuro cede lugar à busca da satisfação imediata. Não se trata de cinismo, mas de um certo pragmatismo. Cada um, num tabuleiro de jogadas complexas, perde e ganha conforme a sua habilidade para mover as peças. Todos, porém, buscam o mesmo objetivo: gozar.

O gozo não é mais remetido a algum hipotético 'amanhã que canta', não é mais transferido para um paraíso do futuro, mas vivido, do jeito que dá, no presente. (Maffesoli, M. 2000:52)

A solidão e a privacidade são vendidas como mercadorias essenciais apenas para garantir o afastamento do resto da sociedade que não pode pagar por circuitos internos de TV, segurança 24 horas, carros blindados e outros equipamentos de vigilância e controle. O *Panopticon* substitui a *ágora*. O espaço do debate é o mesmo da vigilância. A ciência que se preza é aquela que se vende nas prateleiras do globo repórter ou em âmbito internacional, do *Discovery Channel*. O físico Marcelo Gleiser vira astro com direito a coluna semanal em jornal de grande circulação ensinando a cosmologia de nosso planeta a um público cada vez menos interessado nos primeiros cadernos e cada vez mais leitor de suplemento.

A tela abundante oferece indiscriminadamente acesso a um episódio de angústia doméstica ficcional, a um jogo de tênis, a um utilitário esportivo percorrendo uma montanha, um jogo de futebol, o preparo de uma salada, uma manchete de assassinato, uma piada, um nu, uma vítima de furacão tremendo de frio, um anúncio de jóias... (Gitlin, 2004)

Estimulamos as crianças a adoescerem (e adoecerem vítimas de distúrbios alimentares em busca do corpo perfeito) e os adultos a não envelhecerem sob pena de perderem capital simbólico pra trocar no ver-o-peso do vale tudo.

Nas palavras de Harvey (1998), presenciamos o colapso dos horizontes temporais e a preocupação com a instantaneidade que surge, em parte, em decorrência da ênfase contemporânea no campo da produção cultural em eventos, espetáculos, *happenings* e imagens da mídia. *Os produtores culturais aprenderam a explorar e usar novas tecnologias, a mídia e as possibilidades multimídia.* (p.61)

A mídia descobriu no fim do século XX aquilo que Foucault já prenunciava: “O sujeito é um artifício de linguagem” e, levou essa máxima a seu extremo e de acordo com suas conveniências: os sujeitos e suas histórias de vida são reinventadas de modo grotesco e ofertados em doses homeopáticas nos programas em que se exploram o ridículo, a tragédia e a miséria humanas, construindo **bercários de cinismo** pra usar uma expressão do sociólogo G. Simmel.

Para Raymond Williams, jamais como sociedade, atuamos tanto ou assistimos a tantos atuarem. (...) o que é realmente novo é que o drama é embutido nos ritmos da vida cotidiana. (...) O que temos hoje é drama como experiência habitual: *em muitos casos, em quantidade maior numa semana do que a maioria dos seres humanos de antigamente poderia ver durante a vida toda.* (apud Gitlin, 2004:26)

As estratégias televisivas criaram, a partir dos modernos sistemas de produção e criação em que se combinam imagem, som, forma e sentido, um complexo polissêmico em que a imagem tem a função primordial na fixação dos signos estimulando a fantasia do sujeito, produzindo estados de excitação e cumplicidade com o Doutor que lhe orienta e prescreve hábitos alimentares aos domingos.

Inspirados pela *idoneidade* moral e conduta *acadêmica* de nossos protagonistas televisivos, milhares de indivíduos acordam diariamente prontos a começar aquela dieta, dar a tintura do cabelo ou começar uma nova carreira.

O ‘panóptico’, a vigilância do poder pensada por Jeremy Bentham e depois re-significada por M.Foucault é um exemplo bastante ilustrativo de que vivemos em um novo tipo de sociedade panóptica em que o indivíduo é ‘panopticamente’ seduzido pelo poder da imagem, transformando o cidadão comum num consumidor mais sofisticado, gerando novas necessidades, manipulando códigos culturais e mexendo com o imaginário das pessoas.

Assim, a cada dia surgem novas necessidades, suscitam-se novos desejos, criam-se novas imagens, novos objetos-signos num círculo vicioso ininterrupto de sedução e consumo.

À guisa de conclusão (nunca concluindo), gostaria de dizer que este texto se produziu como um esforço de mapear a cena contemporânea acompanhando o movimento dos conceitos em

seu jogo constante de transformação. Obviamente, vocês poderão discordar integralmente do que eu digo: afinal, a trama conceitual produzida por mim relaciona-se com as trilhas e os percursos epistemológicos que tenho feito. Fica, todavia, o convite para o desafio de produzir novas reflexões sobre a temática proposta.

Se, como diz R. Barthes, ler é encontrar sentidos, precisamos produzir outros modos de ler a paisagem contemporânea, seus atores, seus dramas e comédias, produzindo outros textos potentes, vigorosos e seminais onde os indivíduos se reconheçam e onde cada um de nós se reconheça.

Referências

- BAUMAN, Z. *Amor Líquido*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.
- FORBES, J. *Você quer o que deseja?* São Paulo: Ed. Best_Seller, 2004
- GITLIN, T. *Mídias sem limite*. Como a torrente de imagens e sons domina nossas mentes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1998
- LIPOVETSKY, G. *O Império do Efêmero*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989
- LIPOVETSKY, G. *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa, Relógio d'Água, s/d. 2000.
- MAFFESOLI, M. Mediações simbólicas: a imagem como vínculo social. *Para Navegar no século XXI*. Org. francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 2000. P.43-54.
- STEINBERG, S. R. e KINCHELOE, J.L. *Cultura Infantil*. A construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001
- SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.
- VIRILIO, P. *O Espaço Crítico*. São Paulo, editora 34, 1993.
- VIRILIO, P. O resto do tempo. *Para Navegar no século XXI*. Org. francisco Menezes Martins e Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 2000. P. 113-118.